

A Nova Vida em Cristo – Parte 2

Paulo começou a seção 3:5–14 com uma série de imperativos e usou “pois” (οὖν, *oun*) para mostrar que essas ordens baseavam-se nas declarações que ele acabara de fazer. Os colossenses ressuscitaram com Cristo, morreram para os princípios do mundo e podiam aguardar que apareceriam com Cristo, em glória; sendo assim, deveriam viver de acordo com essa realidade. Sendo novas pessoas, deveriam viver como novas pessoas. Eram novos, porém imperfeitos, por isso precisavam se desenvolver rumo à maturidade espiritual. Paulo percebeu esta verdade num nível pessoal; após anos atuando como missionário de Cristo, ele ainda buscava alcançar a elevada marca da maturidade cristã (Filipenses 3:13, 14).

Os cristãos deveriam fazer morrer as paixões do corpo para que elas não mais controlassem suas vidas. Paulo queria que os irmãos reconhecessem a futilidade e improdutividade da terra, que admitissem que o mundo nada tem a oferecer. Eles precisavam contemplar as realidades celestiais e ver as glórias a serem alcançadas e desfrutadas. Depois de plantar esta visão de vida na mente deles, Paulo apresentou as qualidades a serem desenvolvidas e as práticas a serem eliminadas para que alcançassem glórias celestiais.

Os colossenses deveriam despir-se de qualidades negativas (vv. 5–11) e revestir-se de qualidades espirituais (vv. 12–14). A lista das qualidades negativas divide-se em duas partes. A primeira inclui paixões carnis, as quais eram especialmente toleradas pelos pagãos (v. 5). Eles deveriam despir-se delas por causa da ira de Deus (v. 6). A segunda parte da lista inclui características inaceitáveis (vv. 8, 9), que os leitores de Paulo deveriam aprender a controlar porque haviam se despido do velho homem e se revestido do novo eu (vv. 9, 10).

Em outras cartas, Paulo apresentou listas de características semelhantes. Ele incluiu nestas listas pecados que impedem uma pessoa de entrar no rein de Deus: imoralidade (fornicação), impureza, cobiça (ganância) e idolatria (Gálatas 5:19; 1 Coríntios 6:9). Os cristãos são instruídos a não se associarem com irmãos e irmãs em Cristo que praticam alguns desses pecados, incluindo os que são imorais, cobiçosos (gananciosos) e idólatras (1 Coríntios 5:11).

Em 3:5–14 Paulo usou três verbos que expressam ação completa e definitiva para pedir que os colossenses realizassem completamente o que ele propusera. Primeiramente, deveriam “fazer... morrer” certas práticas pecaminosas (vv. 5–7). Em segundo lugar, ele citou certos vícios dos quais eles deveriam “se despojar” (vv. 8, 9). Em terceiro lugar, eles deveriam “revestir-se” (vv. 10–14) – vestir-se completamente de – certas virtudes.

FAZENDO MORRER O PASSADO IMORAL (3:5–7)

⁵Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria; ⁶por estas coisas é que vem a ira de Deus [sobre os filhos da desobediência]. ⁷Ora, nessas mesmas coisas andastes vós também, noutra tempo, quando vivíeis nelas.

“Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena” (3:5a)

Paulo recomendou aos colossenses: **Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena** (3:5). Atos bons e atos maus são executados por nossa “natureza (μέλη, *mele*) terrena”. As mãos podem roubar ou

ajudar o próximo, os pés podem levar uma pessoa a lugares para ela fazer o mal ou adorar a Deus, os olhos podem sair em busca de tentações ou podem focalizar a Palavra de Deus, a língua pode falar o mal ou emitir palavras que ajudam e animam, e o cérebro pode ter pensamentos pecaminosos ou santos. Neste cenário, Paulo mencionou apenas o mau uso da natureza terrena. Ele ensinou que a morte para o mal é real somente quando o cristão a julga real. “Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Romanos 6:11).

“Considerai-vos... mortos” (νεκρώσατε, *nekrosate*), um imperativo neste versículo, é uma expressão forte no grego, que significa literalmente “matar”. A instrução de Paulo era para que eles matassem completamente as atividades do corpo pecaminosas que deveriam ter-se extinguido no batismo (Romanos 6:1–6). Mesmo tendo sido batizados, isto não significava que todos os vícios malignos e sedutores estivessem mortos em suas vidas. Porque esses vícios podiam voltar a ocorrer em suas vidas, deveriam ser “mortos”, completamente erradicados.

Eduard Lohse escreveu: “Fazer morrer. Isto significa: deixar o velho homem, que já morreu no batismo, ficar morto: ‘Considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus’”¹. Ele também comentou: “O morrer com Cristo, realizado no batismo, deveria ser agora vivenciado fazendo-se morrer ‘a natureza terrena’”².

Paulo estava desafiando os cristãos dali a viverem no presente, morrendo para o passado. Ele não disse “faça morrer” no sentido literal; mas no sentido figurado de interromper um padrão de vida, livrando-se completamente da contaminação do mundo. Os pecados vêm da perversão dos desejos do corpo – como sexo, fome e confortos físicos – os quais, quando expressos dentro dos parâmetros divinos, são bons. Os colossenses deveriam direcionar essas paixões físicas apropriadamente, de maneira que as controlassem e usassem para Deus. O corpo, em si, não é mau; mas ele é a via pela qual se fazem os apelos pecaminosos. Ele também é o instrumento pelo qual o coração expressa os feitos bons. A fonte do bem ou do mal na vida de uma pessoa está dentro dessa pessoa (Mateus 15:19, 20).

¹Eduard Lohse, *Colossians and Philemon*, trad. William R. Poehlmann e Robert J. Karris, Hermeneia. Filadélfia: Fortress Press, 1971, p. 137.

²Ibid.

A verdadeira pessoa é a pessoa interior.

Se os membros do corpo estiverem mortos para os propósitos malignos, o resultado será uma nova utilização e um novo propósito para eles. “Apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Romanos 12:1); “Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2 Coríntios 7:1). O corpo de pecado, não o corpo físico, deve ser eliminado (Romanos 6:6). Em vez de usar seus membros como instrumentos de injustiça, os colossenses deveriam usá-los como instrumentos de justiça, como os que estão ressurretos dentre os mortos (Romanos 6:13). Os membros deveriam ser usados como servos de justiça e não servos da maldade e da impureza (Romanos 6:19b).

As pessoas do mundo até podem tirar, parcialmente, de suas vidas vários maus hábitos ou desenvolver algumas das virtudes que caracterizam a nova vida que Paulo recomendou. Todavia, nós, cristãos, temos um Auxiliador que o mundo não tem (João 14:17a), o qual pode nos fortalecer à medida que buscamos a perfeita santidade em nossas vidas (Efésios 3:16; 2 Coríntios 7:1b). O mundo pode buscar essas mudanças por razões egoístas, mas nós, cristãos, fazemos essas mudanças visando agradar e glorificar a Jesus. Nisto, agimos contra o vento fétido de uma sociedade moralmente corrupta e repulsiva. Paulo escreveu em 2 Coríntios 2:15 e 16: “Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida...”

“Prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno” (3:5b)

A primeira lista de Paulo inclui pecados morais (v. 5b) e a segunda enumera pecados de caráter e tendência (vv. 8, 9). Despojando-se desses vícios e revestindo-se das virtudes cristãs (vv. 12–14), os colossenses desenvolveriam as características da nova vida que eles começaram a partir do batismo. Os vícios da primeira lista incorrem a ira e a condenação de Deus (Romanos 1:29–31; 1 Coríntios 6:9, 10; Gálatas 5:21; Efésios 5:5). Estas eram práticas com as quais os cristãos de Colossos e de outros lugares estavam acostumados na época em que eram pagãos.

Paulo mencionou como primeiro item da lis-

ta **prostituição** e usou *πορνεία* (*porneia*), de onde vem “pornografia”. Outras versões traduzem o termo por “imoralidade sexual” (KJA; NTJ; NVI), “fornicação” (BJ). “Imoralidade sexual” ou a ideia de desvio sexual, é uma tradução melhor do que “prostituição”, cujo sentido atual é mais específico. *Porneia* se refere apenas a relações sexuais impróprias; mas não se limita a adultério, que é intercurso sexual entre duas pessoas que não são casadas uma com a outra. Essa palavra escolhida por Paulo inclui todo tipo de prática sexual ilícita, como homossexualidade, lesbianismo, bestialidade, adultério, fornicação e sexo entre duas pessoas que não são casadas uma com a outra. Várias flexões da palavra aparecem em outros textos do Novo Testamento, sempre num contexto em que tais práticas são condenadas³. João usou-a figuradamente em Apocalipse, referindo-se ao envolvimento e à associação desaprovada com a Babilônia apocalíptica (Apocalipse 14:8; 17:2, 4; 18:3; 19:2).

O substantivo grego *μοιχεία* (*moicheia*, “adultério”⁴) e o verbo *μοιχεύω* (*moicheuo*, “adulterar”⁵) não devem ser confundidos com *porneia*, “imoralidade [sexual]”. Estes são usados para a relação sexual entre uma pessoa casada e outra solteira ou casada com outro. *Porneia* é um termo amplo que também pode incluir *moicheia* e *moicheuo*.

Paulo instruiu os coríntios a não se associarem com quem estiver envolvido em *porneia* (1 Coríntios 5:11). Ele advertiu que “imorais” não “herdarão o reino de Deus” (1 Coríntios 6:9, 10; NVI) e admoestou: “Fugi da impureza [‘imoralidade sexual’; NVI]” (1 Coríntios 6:18). Ele alistou “prostituição”, isto é, “imoralidade sexual” em primeiro lugar na lista das obras da carne em Gálatas 5:19–21.

Em vez de ensinar que os desejos sexuais deixariam de existir nos cristãos, Paulo ensinou que esses desejos devem ser controlados. Para evitar a fornicação, quem tem dificuldade de frear seus impulsos sexuais deve casar-se a fim de desfrutar livremente das relações sexuais dentro dos parâmetros de Deus (1 Coríntios 7:1–5).

A perversão sexual pode ser incluída nas duas palavras seguintes: **impureza** e **paixão lasciva**.

³Mateus 5:32; 15:19; 19:9; Marcos 7:21; Atos 15:20, 29; 21:25; 1 Coríntios 5:1; 6:13, 18; 7:2; 10:8; 2 Coríntios 12:21; Gálatas 5:19; Efésios 5:3; 1 Tessalonicenses 4:3; Apocalipse 2:14, 20, 21; 9:21.

⁴Mateus 15:19; Marcos 7:22; João 8:3.

⁵Mateus 5:27, 28; 19:18; Marcos 10:19; Lucas 16:18; 18:20; João 8:4; Romanos 2:22; 13:9; Tiago 2:11.

“Impureza” (*ἀκαθαρσία*, *akatharsia*) refere-se a algo que não é puro no sentido de ser imundo e sujo como é o refugo de um cadáver ou o conteúdo de um túmulo (Mateus 23:27). Quando usado num sentido figurado de corrupção moral e impureza, geralmente vem associado a *porneia*. Consta na lista de Gálatas 5:19 como uma obra da carne (veja 2 Coríntios 12:21; Efésios 5:3). O vocábulo também é usado para práticas contrárias à natureza e imorais (Romanos 1:24), em contraste com santidade (“santificação”; 1 Tessalonicenses 4:7) e justiça (Romanos 6:19).

“Paixão lasciva” (*πάθος*, *pathos*) engloba desejos incontrolados que escravizam o indivíduo. Esta palavra aparece em 3:5b, em Romanos 1:26 (“paixões infames”) e em 1 Tessalonicenses 4:5 (“desejo de lascívia”). Na maioria dos usos não bíblicos, o termo significa “o que é experimentado, suportado ou sofrido” (incluindo o tipo de sofrimento que Jesus suportou na cruz). Os estóicos usavam o termo para uma pessoa dominada por emoções e incapaz de ter uma vida tranquila. Aqui ele é usado para paixões sexuais intensas, desejos sexuais malignos e desejos sexuais descontrolados que estão por trás da imoralidade. A “imoralidade sexual” envolve o ato físico, ao passo que a “paixão” refere-se aos desejos abrigados na mente que levam uma pessoa a cometer atos físicos imorais.

Desejo maligno é uma tradução de duas palavras gregas, *κακή* (*kake*, “mau, maligno”) e *ἐπιθυμία* (*epithumia*, “desejo”). É necessário um contexto para se determinar se um “desejo” específico é bom ou mau. Neste caso, “desejo” é modificado por “maligno”, indicando que Paulo se referia a desejos pecaminosos.

O significado básico de *epithumia* é “por o coração numa coisa”, no sentido de ter um forte anseio por fazer ou obter uma coisa. É usada no sentido negativo para “cobiça”, como na proibição dos dez mandamentos (veja Romanos 7:7; 13:9) e para desejos malignos (1 Coríntios 10:6; Gálatas 5:17; Tiago 4:2). Paulo não “cobiçava” a prata, o ouro nem as roupas dos efésios (Atos 20:33). Jesus usou esta palavra para desejos sexuais ilícitos (Mateus 5:28). Ele ensinou que cultivar pensamentos adúlteros no coração é tão pecaminoso quanto atos adúlteros. Praticar atos sexuais não é a única maneira de pecar; cultivar o desejo de ter relações sexuais ao olhar para uma mulher também é pecado. Paulo instruiu os colossenses a morrerem para esses desejos.

Em outros contextos, *epithumia* pode significar bons desejos ou anseios⁶. Um exemplo disto é o desejo de um homem que aspira ao presbitério; Paulo escreveu que excelente obra ele “almeja” (1 Timóteo 3:1).

“E a avareza, que é idolatria” (3:5c)

Apróxima palavra na lista de Paulo é *πλεονεξία* (*pleonexia*), traduzida na RA e RC por “avareza” e na NVI por “ganância”⁷. O adjetivo derivado da mesma raiz (*πλεονέκτης*, *pleonektes*) é traduzido por “avarento” (1 Coríntios 5:10, 11; 6:10; Efésios 5:5). Refere-se a desejar mais do que é necessário ou devido, sendo avarento e ambicioso. No intuito de garantir que pecados sexuais não fossem a única aplicação da palavra, Paulo acrescentou: “que é idolatria”. Jesus advertiu Seus discípulos: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lucas 12:15a).

Um anseio desordenado por possuir, usar ou experimentar coisas transforma objetos em ídolos. Quando uma pessoa se concentra tão atentamente em obter a fonte de uma paixão, ela se torna um objeto de devoção. Se essa ganância for expressa na forma de um desejo sexual ou de qualquer outro desejo que tomar o lugar do culto e da devoção pertencentes a Deus somente, ela é idólatra. O amor ao dinheiro é um exemplo: ele se baseia na cobiça e é a raiz de “todos os males” (1 Timóteo 6:10).

Paulo escreveu que sua motivação para pregar o evangelho não era ganância nem um interesse dissimulado de ficar rico (1 Tessalonicenses 2:4, 5). Em Corinto, alguns mostraram sua ganância “mercadejando a palavra de Deus” (2 Coríntios 2:17).

A **idolatria** era uma praga que continuava a rastejar-se pela adoração de Israel. Deus condenou-a severamente e mandou muitos profetas advertirem o povo contra ela. Davi fez uma veemente declaração que certamente reflete a advertência de Deus aos adoradores de ídolos: “Aborreces os que adoram ídolos vãos” (Salmos 31:6a). Isaías escreveu o seguinte sobre Israel fazer ídolos: “Pois, naquele dia, cada um lançará fora os seus ídolos de prata e os seus ídolos de ouro, que as vossas mãos fabricaram para pecardes” (Isaías 31:7). E acrescentou: “Tornarão atrás e confundir-se-ão de

⁶Mateus 13:17; Lucas 15:16; 16:21; 17:22; 22:15; 1 Timóteo 3:1; Hebreus 6:11; 1 Pedro 1:12.

⁷Lucas 12:15; Romanos 1:29; Efésios 4:19; 5:3; 1 Tessalonicenses 2:5; 2 Pedro 2:3, 14.

vergonha os que confiam em imagens de escultura” (Isaías 42:17; veja Jeremias 10:14). Através de Ezequiel, Deus chamou esses objetos de adoração de “coisas detestáveis” (Ezequiel 5:11).

Deus afirmou claramente nos dez mandamentos que Israel não deveria adorar ídolos (Êxodo 20:3–5; Deuteronômio 5:7–9). Os cristãos também são advertidos a não servirem a eles (veja Atos 15:20). Aqueles cujo principal objetivo na vida é obter bens estão colocando essa prioridade acima de seu serviço a Deus, transformando seus bens em deuses, ídolos. A igreja primitiva foi instruída a “[abster-se] das coisas sacrificadas a ídolos” (Atos 15:29a) e a não adorar ídolos (veja 1 Coríntios 10:14; Gálatas 5:20, 21; 1 João 5:21).

Quem utiliza ícones e estátuas na adoração também está violando a advertência de Deus contra a idolatria. Deus apresentou a Moisés a razão para não se usar na adoração nenhuma representação física de coisas nos céus ou na terra: “Aparência nenhuma vistes no dia em que o Senhor, vosso Deus, vos falou em Horebe, no meio do fogo” (Deuteronômio 4:15b). Porque Deus é invisível (Colossenses 1:15; 1 Timóteo 6:16), Ele deve ser adorado como um ser invisível, sem nenhuma representação física. Como espírito, Ele deve ser adorado em espírito e em verdade (João 4:23, 24). Nada que o homem faça pode representar Deus com precisão e nada que o homem faça deve ser usada na adoração a Ele.

“Por estas coisas é que vem a ira de Deus” (3:6a)

Ira vem da palavra grega *ὀργη* (*orge*), que também pode ser traduzida por “raiva” ou “indignação”. (Veja a exposição sobre 3:8b.) A ira de Deus é um tema importante em todos os livros do Antigo Testamento⁸. O Novo Testamento também atribui o traço de ira a Deus⁹. Ira é uma característica de Deus que não pode ser negada, como é claramente exposto por ambos os Testamentos. (Veja “Estudo Complementar: ‘A Ira de Deus’ [3:6]”, na página 21.)

Manter o pensamento fixo no amor, na misericórdia e na bondade de Deus às vezes faz algumas

⁸Êxodo 4:14; Números 11:10; Deuteronômio 11:17; Josué 7:1; Juízes 2:12; 1 Samuel 28:18; 2 Samuel 6:7; 1 Reis 15:30; 2 Reis 13:3; Esdras 10:14; Jó 9:13; Salmos 78:31; Isaías 5:25; Jeremias 4:8; Ezequiel 5:13; Daniel 9:16; Oseias 8:5; Miqueias 5:15; Naum 1:6; Sofonias 2:2; Zacarias 1:2.

⁹Marcos 3:5; João 3:36; Romanos 1:18; 5:9; Efésios 5:6; Hebreus 3:11; Apocalipse 14:10; 15:1; 16:19; 19:15.

peessoas ignorarem Sua ira e indignação. Os gnósticos ensinavam que o Deus do Antigo Testamento, sendo um Deus de ira, não é o mesmo Deus amoroso do Novo Testamento. O castigo severo que Deus deu aos que desobedeceram à Lei é considerado prova de que o Deus do Antigo Testamento é diferente do Deus do Novo Testamento.

Essa conclusão ignora a ira de Jesus (Marcos 3:5) e o castigo de Deus infligido sobre Ananias e Safira (Atos 5:1–10), Herodes (Atos 12:21–23) e Elimas (Atos 13:6–11). Não leva em conta o destino iracundo dos que fazem o mal (Romanos 2:6–11). Jesus e o Deus do Antigo e Novo Testamentos são os mesmos quanto à natureza. Jesus trará vingança aos desobedientes (2 Tessalonicenses 1:7–9).

A fúria da ira de Deus conforme expressa para com Israel é uma advertência e uma garantia aos que estão na era cristã de que Deus castigará os que não obedecem a Ele (Hebreus 10:28, 29). As ações divinas contra Israel são exemplos a todas as pessoas de como Ele tratará os que não O respeitam nem atendem à Sua vontade. “Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa” (1 Coríntios 10:11a); “toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo” (Hebreus 2:2b).

A ira de Deus não deve ser comparada a uma reação irracional ao desgosto. Alguns comentaristas evitam estas palavras com referência a Deus, optando por usar “castigo terrível”, “julgamento divino” e “terrível castigo de Deus”. Estas expressões contêm verdades, mas não representam precisamente a mente de Deus em relação aos malfeitores.

Por mais estranho que pareça, a ira pode dar o resultado de amor. Um homem que ama profundamente a esposa ficará cheio de ira se ela deixá-lo por outro homem. Esse fato não despertaria a ira dele, se ele não a amasse. Por causa do Seu amor, Deus demonstra ira aos que O deixam para seguir o diabo (1 João 3:8), envolvendo-se em práticas pecaminosas como as que Paulo citou.

“Vem... sobre os filhos da desobediência” (3:6b)

Paulo expressou a certeza da ira de Deus com o verbo ἔρχομαι (*erchomai*, **vem**). Porque *erchomai* no versículo 6b e em Efésios 5:6 está no tempo presente (ainda que se refira a um evento futuro), alguns estudiosos concluem que Paulo queria dizer que a ira de Deus está atualmente sobre os que são de-

sobedientes. William Hendriksen explicou: “Utilizando o que é às vezes denominado ‘presente profético’ (cf. João 4:21; 14:3), Paulo ressalta o fato de que a vinda da ira de Deus, sobre os que vivem em tais pecados, é tão certa que é como se essa ira já tivesse vindo”¹⁰.

A ira de Deus é uma realidade presente satisfeita pelo castigo no futuro (1 Tessalonicenses 1:10). “O que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (João 3:36b).

Os estudiosos questionam se a expressão **filhos da desobediência** constava no texto original; por isso ela aparece entre colchetes na RA. Bruce Metzger comentou o seguinte sobre a inclusão dessa expressão no Novo Testamento Grego produzido pelas Sociedades Bíblicas Unidas: “...a maioria dos membros da Comissão decidiu manter as palavras no texto, porém entre colchetes para indicar uma dose de dúvida quanto à autenticidade delas em Colossenses”¹¹.

Há variações dessa expressão nas diversas versões disponíveis em língua portuguesa, sendo que a maioria a inclui sem o uso de colchetes. A maioria dos manuscritos (por exemplo, o Sinaítico, o Alexandrino e a maioria dos minúsculos) favorecem a ideia de que a expressão constava no original. Alguns comentaristas alegaram que existe “uma esmagadora confirmação de manuscritos em favor da permanência da expressão”¹².

Se há dúvidas quanto à expressão pertencer ao texto original de Colossenses, em Efésios 5:6 ela aparece com certeza: “Ninguém vos engane com palavras vãs; porque, por essas coisas, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência”. Por essa razão, sabemos que tais palavras representam o verdadeiro julgamento divino em relação à desobediência.

“Filhos da desobediência” significa que os que pertencem a este grupo são produto de uma vida desobediente que agora compõe sua natureza. Paulo não queria dizer que tais pessoas nas-

¹⁰William Hendriksen, *Exposition of Colossians and Philemon*, New Testament Commentary. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1964, p. 147.

¹¹Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 2a. ed. Nova York: United Bible Societies, 1971, p. 625.

¹²Herbert M. Carson, *The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon: An Introduction and Commentary*, The Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960, p. 82.

ceram de pais desobedientes ou cuja natureza era pecaminosa. “Filhos de” ou “filho de” é usado para expressar a natureza do que é mencionado, como “filho do inferno” (Mateus 23:15), “Filhos do Trovão” (Marcos 3:17), “filhos do mundo” (Lucas 16:8), “filhos da luz” (Lucas 16:8), “filho da perdição” (João 17:12), “filho de exortação” (Atos 4:36) e “filho do diabo” (Atos 13:10).

“Ora, nessas mesmas coisas andastes vós também, noutro tempo, quando vivíeis nelas” (3:7)

No passado, os colossenses haviam seguido práticas do mundo, mas agora nada tinham a ver com esses comportamentos. Outrora, eram “estranhos e inimigos no entendimento pelas [suas] obras malignas” (1:21). O fato de terem começado a nova vida em Cristo não significava que era impossível voltarem aos padrões em que **andaram**. Todavia, a forma verbal usada aqui (*περιεπατήσατε, periepatesate*) indica que a ação deveria ser vista como completa ou concluída no passado. Os destinatários da carta de Paulo haviam morrido para esses pecados, dando fim assim ao estilo de vida em que viviam anteriormente.

“Andastes” indica ação, ou locomoção, que poderia ter acontecido no passado ou poderia continuar no presente; todavia, **noutro tempo** (*πότε, pote*) revela que, no passado, eles andavam continuamente nesses pecados. A ideia de andar representa viver de determinado modo, seja bom ou mau. Pode ser usado num sentido bom¹³ ou num sentido mau¹⁴ (veja Romanos 8:4).

Pecados como esses mencionados por Paulo podem tornar-se fatores controladores na vida de uma pessoa. Os colossenses haviam continuado a andar na imoralidade sexual, na impureza, na paixão lasciva, nos desejos maus e na cobiça. Jesus afirmou que a pessoa que continua a penar “é escrava do pecado” (João 8:34). Paulo e Pedro ensinaram a mesma verdade (Romanos 6:16; 2 Pedro 2:19). Paulo queria que os colossenses reconhecessem que, se não tomassem cuidado, poderiam voltar às práticas malignas da vida que levavam antes. Tinham vivido nesses pecados e andado nelas como um estilo de vida, mas agora que estavam

em Cristo não deveriam mais viver assim.

DESPOJANDO-SE DO CARÁTER MAU (3:8, 9)

8Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar. 9Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos.

“Agora, porém, despojai-vos, igualmente de tudo isto” (3:8a)

Em 3:5 Paulo disse para os cristãos “fazerem morrer” seus feitos maus do passado. Este comportamento já não pertencia a eles, mas sementes ruins poderiam brotar de novo, se não fossem exterminadas. Outras passagens instruem os cristãos a abandonar o estilo de vida anterior (Romanos 13:12; Efésios 4:22, 25; Hebreus 12:1; Tiago 1:21). Tendo morrido para suas vidas antigas, precisavam livrar-se do estilo de vida anterior e substituí-lo por outro modo de vida. Num sentido, tinham que limpar o armário e começar a usar roupas novas.

Ser uma nova criatura em Cristo (2 Coríntios 5:17; Gálatas 3:27) não transforma uma pessoa automaticamente num cristão sem pecado; simplesmente a transporta para um estado em que não pecar é o seu alvo. O cristão precisa abandonar todos os atos e vícios imorais, exibindo autocontrole em sua vida (vv. 5, 8, 9). Esses atos imorais não são prejudiciais somente para nós, mas também podem ser nocivos para outras pessoas e destrutivos para nossos relacionamentos.

A “ira” pode induzir uma pessoa a prejudicar outros e até a desejar a morte. É quase sinônimo de “indignação” ou “raiva”, mas difere por não ser tão súbita nem tão explosiva. Quando uma pessoa está irada, ela faz e diz coisas que podem trazer condenação sobre si mesma (Mateus 5:22).

A “indignação” humana é a reação de quem se exacerbou a ponto de agir com uma emoção súbita e descontrolada.

A “maldade” pode levar a pessoa a ter atitudes odiosas e malevolentes que as incitam a agir prejudicando outros ou tendo prazer em ver outros se prejudicarem.

A “maledicência” geralmente resulta de um coração ciumento, malicioso e inclemente. O maledicente lança insultos contra outros ou tenta fazer as pessoas pensarem mal de alguém ou de alguma

¹³João 11:9; 12:35; Romanos 6:4; 1 Coríntios 7:17; 2 Coríntios 5:7; Gálatas 5:16, 25; 6:16; Efésios 2:10; 4:1; 5:8, 15; Filipenses 3:17; Colossenses 1:10; 1 Tessalonicenses 2:12; 4:1; 1 João 1:7; 2:6; 2 João 4, 6; 3 João 3, 4.

¹⁴João 8:12; 11:10; 12:35; 1 Coríntios 3:3; 2 Coríntios 4:2; 10:3; Efésios 2:2; 4:17; Filipenses 3:18; 1 João 1:6; 2:11.

coisa.

A “linguagem obscena do vosso falar”, ou linguagem indecente, é prejudicial a todos. Ela pode encher a mente de quem a ouve com pensamentos maus ou desanimar e angustiar essa pessoa.

Mentir é nocivo para qualquer sociedade porque corrói o alicerce e a estrutura sobre os quais essa sociedade está fundamentada. Ela transforma o mentiroso num ser indigno de confiança e destrói a confiança que os outros poderiam ter nele.

Por causa dos efeitos desses hábitos, os colossenses deveriam eliminá-los; deveriam mudar todas as suas atitudes e modos de vida. A transformação que ocorrera no batismo (2:11–13) não removeu completamente o passado. Deveria ocorrer agora um crescimento.

Como foi mostrado (veja comentários sobre 2:11, 12), quando foram batizados, os colossenses renunciaram decisivamente – *despojaram-se* e *livraram-se* – ao “velho homem” (Romanos 6:6; Efésios 4:22), ou seja, “o corpo da carne”, a antiga maneira de existirem, seus antigos egos perversos, “com suas práticas”, as mesmas práticas citadas em 3:5, 8 e 9a e *revestiram-se* do novo homem, Cristo (Gálatas 3:27), ou seja, a nova natureza que os crentes têm como membros de Cristo. Consequentemente, que eles adornem sua profissão de fé batismal com uma vida aprovada por Deus.¹⁵

As expressões **despojai-vos, igualmente de tudo isto** (3:8a) e depois “revesti-vos” (3:12) são imperativos fortes que exigiam dos colossenses uma resposta às ordens de Paulo. Não eram opções para os irmãos avaliarem; eram exigências, requisitos. Paulo esperava que seus leitores se esforçassem para cumprir tais exigências. “Despojai-vos, igualmente de tudo isto” significa essencialmente o mesmo que “fazei morrer” (3:5).

“Ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar” (3:8b)

Ira é uma tradução de *ὀργή* (*orge*), que também aparece em 3:6. Tem o sentido de um forte e profundo desagrado às vezes expresso diante de um mau procedimento, o que pode resultar em punição vingativa ou desforra. *Orge* pode se referir a uma emoção humana, porém a palavra é usada, na maioria das vezes, para o veredito divino contra a desobediência e o pecado (João 3:36; Romanos 1:18; 13:4; Hebreus 3:11; 4:3). A ira de Deus resulta em julgamento

e castigo¹⁶. A Lei suscita a “ira” (*orge*; Romanos 4:15). Um governo tem o direito de executar o castigo, suscitando a “ira” aos malfeitores; os cristãos devem sujeitar-se ao governo e não incorrer nessa “ira” (*orge*; Romanos 13:4, 5). Sob certas circunstâncias, os cristãos têm o direito de irar-se (Efésios 4:26); em geral, porém, devemos evitar ficar irados (Efésios 4:31; Tiago 1:19, 20). Geralmente, a raiva descrita nas Escrituras é uma atitude controlada.

A próxima palavra, **indignação** (*θυμός*, *thumos*), contém a ideia de sentimentos intensos de indignação. Em alguns casos parece sinônimo de *orge*; por isso é difícil conferir a ela um significado separado. Flexões dessas duas palavras gregas aparecem juntas em certas passagens (Romanos 2:8; Efésios 4:31; Apocalipse 16:19; 19:15). Afora Apocalipse e Romanos 2:8, onde é aplicada à ira de Deus, *thumos* se refere à raiva ou indignação do homem (Lucas 4:28; Atos 19:28; 2 Coríntios 12:20; Gálatas 5:20; Efésios 4:31; Colossenses 3:8; Hebreus 11:27). Em Apocalipse é usado para a cólera de Satanás (Apocalipse 12:12), a “paixão” da Babilônia apocalíptica (Apocalipse 14:8; 18:3) e a ira de Deus (Apocalipse 14:10, 19; 15:1, 7).

Quando acompanhada de *orge*, *thumos* tem seu significado intensificado, resultando numa tradução como “o furor da sua ira” (Apocalipse 16:19; 19:15). Em outros cenários em que a palavra grega aparece em listas de maus hábitos (2 Coríntios 12:20; Gálatas 5:20; Efésios 4:31; Colossenses 3:8), sugere “desgosto intenso”, “indignação” ou “raiva”. Pode diferir de *orge* pelo fato de ser um sentimento mais intenso e ardente na busca por desforra e pode conter a ideia de uma raiva descontrolada (Lucas 4:28; Atos 19:28; Hebreus 11:27).

Maldade (*κακία*, *kakia*) é a expressão dos desejos mais baixos do homem, como vileza, depravação e crueldade. É uma atitude má e ofensiva no coração de pessoas malevolentes. Pessoas maldosas são maliciosas, malvadas, cruéis e odiosas (Romanos 1:29; Efésios 4:31; Tito 3:3; 1 Pedro 2:1). “Um antigo lexicógrafo grego, Suidas, assim definiu *kakia*: ‘a avidez por causar dano ao próximo’.”¹⁷ O termo se refere ao “desejo de prejudicar, ofender

¹⁵Hendriksen, p. 149.

¹⁶Mateus 3:7; Lucas 3:7; 21:23; Romanos 2:5, 8; 3:5; 5:9; 9:22; 12:19; Efésios 2:3; 5:6; Colossenses 3:6; 1 Tessalonicenses 1:10; 2:16; 5:9; Apocalipse 6:16, 17; 11:18; 14:10; 16:19; 19:15.

¹⁷Robert G. Bratcher e Eugene A. Nida, *A Translators Handbook on Paul's Letters to the Colossians and to Philemon*, Helps for Translators. Nova York: United Bible Societies, 1977, p. 82.

ou destruir outros para vê-los sofrer”.

Maledicência (βλασφημία, *blasfemia*, que foi transliterada para o português) significa palavras ditas com a intenção de ofender e difamar outros. Quem diz coisas más de alguém com o propósito de fazer as pessoas pensarem mal deste está maldizendo ou blasfemando. Maledicência inclui falar de um modo desrespeitoso ou degradante num esforço de caluniar ou depreciar, o que equivale a falar mal de outro (veja Mateus 12:32). A intenção faz parte da maledicência: quem fala propositalmente mal para que outros pensem mal de alguma coisa ou alguém está maldizendo. Esta palavra pode ser aplicada ao ato de depreciar ou insultar Deus (Apocalipse 13:6; 16:11, 21), Seu nome (Romanos 2:24), Sua Palavra (1 Timóteo 6:1; Tito 2:5), o Espírito Santo (Mateus 12:31; Marcos 3:28, 29; Lucas 12:10) ou outras pessoas (Tito 3:2). Flexões da palavra grega *blasfemia* estão incluídas em várias listas de transgressões¹⁸.

Alguns maldizem intencionalmente Deus e outras pessoas. Paulo pode ter mencionado esse pecado para preparar os colossenses para a perseguição; ele não queria que eles fossem compelidos por perseguidores a blasfemarem contra Deus. Antes de ser cristão, Saulo – o apóstolo Paulo – pressionou os cristãos a blasfemarem (Atos 26:11) e ele próprio foi um blasfemo (1 Timóteo 1:13).

Linguagem obscena (αἰσχρολογία, *aischrologia*) só aparece aqui no Novo Testamento. Refere-se ao discurso de baixo calão: conversa maliciosa e suja; piadas vulgares; linguagem indecente e impudica; linguajar vergonhoso e linguagem depravada e desbocada. A atitude aqui condenada também poderia ser definida como linguajar indecente no falar, conversas tolas e gracejos imorais, conforme mencionou Paulo em Efésios 5:4. Palavras dessa natureza não deveriam sair da boca dos colossenses. Antes, como escreveu Paulo mais adiante, a linguagem deles deveria ser “sempre agradável, temperada com sal” (Colossenses 4:6). Tiago escreveu que é não convém que tanto o bem quanto o mal saiam da mesma boca (Tiago 3:9–12).

Talvez Paulo tenha escrito **do vosso falar** para indicar que esses pensamentos – ainda que tenham entrado no coração – não devem sair pela boca. A maneira de evitar esse linguajar é controlar os próprios pensamentos.

¹⁸Mateus 15:19; Marcos 7:22; Colossenses 3:8; 1 Timóteo 6:4; 2 Timóteo 3:2.

“Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos” (3:9)

O versículo 9 é o começo de um dos períodos gramaticais mais longos de Paulo e ele continua até o versículo 11. Quando o apóstolo afirmou que seus leitores não deveriam **mentir** (ψεύδομαι, *pseudomai*) uns aos outros, ele estava se dirigindo à comunidade de cristãos. Ao fazer isto, ele não estava insinuando que é aceitável não cristãos mentirem. “Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo” (Efésios 4:25a). O castigo que Deus reservou aos mentirosos revela como a mentira é seria aos Seus olhos. “Quanto, porém... a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte” (Apocalipse 21:8).

Mentir é proibido no Decálogo (Êxodo 20:16; Deuteronômio 5:20). Por essa razão, alguns acreditam que a mentira é mais séria do que a ira, a maldade, a maledicência e a linguagem obscena. Os cristãos devem reconhecer que os cinco vícios alistados no versículo 8 são pecaminosos, assim como o adultério, o estupro e o homicídio.

Nos versículos 9b e 10a, as palavras traduzidas por **vos despistes** e “vos revestistes” são participios aoristos.

Os dois participios aoristos nos versículos 9–10 (“vos despistes” e “vos revestistes”) são melhor entendidos como confirmando o que de fato já aconteceu: através da fé e do batismo todos os crentes já foram despidos do “velho homem” (e os vícios associados a ele, especificados em 3:5, 8–9a) e se revestiram do “novo homem” (cujo novo estilo de vida está detalhado nos vv. 12–17).¹⁹

“Despistes” (ἀπεκδύομαι, *apekduomai*) e “revestistes” (ἐνδύω, *enduo*) são termos que geralmente se referem a tirar ou vestir roupas. **O velho homem** foi removido, e a nova pessoa assumiu o controle. As características que Paulo citou ao descrever as vidas corruptas dos colossenses no passado deveriam ser eliminadas. Eles levavam a vida assim porque eram “inimigos do entendimento” (1:21), mas em Cristo se despiram desse “velho homem”. Os erros e práticas do passado já não existiam; “o velho homem” foi despido e substituído pelo “novo homem”. Paulo expressou a mesma ideia em Romanos: “foi crucificado com Ele o nosso velho homem, para que o

¹⁹David M. Hay, *Colossians*, Abingdon New Testament Commentaries. Nashville: Abingdon Press, 2000, p. 126.

corpo do pecado seja destruído” (Romanos 6:6).

Paulo usou “homem” referindo ao ser individual, e não à parte física de uma pessoa. Quando um indivíduo se converte a Cristo, o velho eu, que sucumbira ao pecado e cuja vida era corrompida pelo mal, precisa ser removido. Uma nova pessoa com uma personalidade correta e santa deve substituir o velho eu.

Paulo também usou a ideia de despir-se ou despojar-se do passado e revestir-se de uma nova vida em outras passagens²⁰. Ele mencionou estar crucificado para o mundo (Gálatas 6:14) e para a carne, com as suas paixões e concupiscências (Gálatas 5:24). Ele escreveu sobre renovar o homem interior (2 Coríntios 4:16; Efésios 3:16). Numa linha semelhante, Pedro escreveu que as mulheres cristãs devem adornar o homem interior do coração (1 Pedro 3:4). O novo eu interior deve despojar-se das antigas vestes para se vestir com um novo guarda-roupa.

REFEITOS SEGUNDO A IMAGEM DE CRISTO (3:10, 11)

¹⁰E vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou; ¹¹no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.

“E vos revestistes do novo homem” (3:10a)

Os versículos 10 e 11 estão correlacionados com as declarações feitas por Paulo em suas outras cartas. Ele escreveu que os gálatas “se revestiram” de Cristo. O novo homem e Cristo, num sentido espiritual, se revestem quando uma pessoa é batizada em Cristo (2:12, 13; Gálatas 3:27). Os colossenses tornaram-se novos em Cristo. Tiraram suas velhas roupas e “vestiram” as novas.

Esta mudança deveria resultar num estilo de vida diferente. A pessoa do passado, dominada por paixões descontroladas, não deveria mais existir; a nova pessoa deveria exercer o autocontrole. Em vez de permitir o mal em suas vidas, os colossenses deveriam agir em prol do bem. O problema do jovem rico conhecedor da lei não foi ser um assassino, um adúltero ou uma falsa testemunha, mas ele não estava ativamente envolvido em fazer boas obras, como cuidar dos pobres (Mateus 19:22).

²⁰Romanos 13:12–14; Gálatas 3:27; Efésios 4:22, 24; 1 Tessalonicenses 5:8.

Muitos que alegam ser seguidores de Cristo despojaram-se dos vícios do mundo, mas isto não é o suficiente. Quem segue Jesus deve desenvolver virtudes e participar do serviço cristão e de outros aspectos positivos do viver cristão.

Os colossenses não só se revestiram do novo eu, como também se tornaram parte da comunidade criada pela morte de Cristo na cruz (Efésios 2:13). A morte de Cristo aboliu a lei e as divisões entre judeus e gentios, provendo a todos o corpo único de Cristo, que é a igreja. Independentemente dos fatores anteriores que causavam divisões, Jesus resolveu o conflito para que, ao serem batizadas em Cristo, as pessoas se unissem num corpo único, ou seja, nEle (Romanos 12:5; 1 Coríntios 12:13).

“Que se refaz para o pleno conhecimento” (3:10b)

Mesmo tendo o velho eu sido despido e o novo eu, revestido, é necessário haver uma revitalização do novo eu. O verbo **se refaz** (*ἀνακαινούμενον, anakainoumenon*) é um particípio presente no grego, o qual indica ação contínua. A NVI exprime o aspecto verbal em sua versão: “o qual está sendo renovado”. A nova pessoa está continuamente sendo refeita, renovada. O novo eu, nascido no batismo, é como um bebê. O potencial para ele ser um cristão adulto existe, mas é preciso tempo para ocorrer o desenvolvimento e seja alcançada a maturidade.

Quem não rema o barco num esforço para movê-lo contra a forte corrente de um rio é levado por ela. Um pequeno esforço pode até paralisar o barco, mas não é suficiente para fazê-lo ir adiante. Para subir contra a correnteza, é necessário remar com todas as forças e continuamente. Da mesma forma, os cristãos devem estar continuamente se aprimorando nas virtudes características dos seguidores de Cristo (2 Coríntios 3:18; 10:15; Efésios 4:13, 16; 1 Tessalonicenses 3:12; 4:9, 10; 2 Tessalonicenses 1:3; 1 Timóteo 4:15). Paulo descobriu que Cristo renovava diariamente a sua vida (2 Coríntios 4:16). Ele ensinou que os cristãos são fortalecidos e renovados com a ajuda do Espírito Santo (Efésios 3:16; Tito 3:5).

Essa renovação leva o cristão **para o pleno conhecimento**. “Para” nesta frase é a tradução de *εἰς (eis)*, cuja raiz significa “para”; sugere atingir um alvo ou ir “em direção a”. Paulo estava ensinando que a pessoa refeita ou renovada entra num “pleno conhecimento” da imagem dAquele que a criou. Ele pode ter extraído essa ideia do princípio da criação (Gênesis 1:26, 27). A nova pessoa é criada

para ter a “imagem” de Cristo e precisa diariamente de renovação. Sem essa renovação a nova vida fenecerá e a pessoa voltará aos velhos modos.

“Conhecimento” (ἐπίγνωσις, *epignosis*) é mencionado em contraste com o pseudoconhecimento persuasivo dos falsos mestres. O resultado da obtenção do conhecimento e da imagem de Cristo é tanto cíclico quanto progressivo. Quanto mais uma pessoa conhece Jesus, mais ela pode se tornar como Ele; e quanto mais ela se parece com Jesus, maior é o seu conhecimento dEle. O cristão só pode tornar-se como Jesus se tiver um conhecimento de Sua natureza.

“Segundo a imagem dAquele que o criou” (3:10c)

Os colossenses deveriam buscar ser renovados obtendo um conhecimento **dAquele que [os] criou**. A renovação traria conhecimento e o conhecimento proveria a base para mais renovação. O propósito deste conhecimento era ajudá-los a serem parecidos com Jesus, o qual fez deles novas criaturas nEle (2 Coríntios 5:17). Esta foi a atitude de Paulo para ser transformado à semelhança da morte de Jesus e para alcançar a soberana vocação [“chamado”] de Deus em Cristo Jesus (Filipenses 3:10–14). A renovação contínua pode ser levada a efeito por um aumento regular do verdadeiro conhecimento. Um ator precisa conhecer as características de alguém para representá-lo realisticamente. Num sentido mais amplo, nós precisamos conhecer como Cristo é para sermos renovados e nos desenvolvermos segundo a Sua imagem.

Depois de entrar em Cristo e revestir-se dEle (Gálatas 3:27), os colossenses deveriam tornar-se como Aquele que preencheu suas vidas. O alvo de todo convertido é olhar para Jesus a fim de desenvolver a natureza dEle. Em 2 Coríntios 3:18 Paulo expressou este alvo da seguinte maneira: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”. Precisamos nos livrar do passado e nos concentrar “na soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:13, 14), a fim de alcançarmos esse precioso alvo. Entendendo Aquele que nos criou, podemos começar a desenvolver as Suas virtudes.

...a renovação acontece segundo a imagem do criador. Por um lado, ele afirma que se trata de uma nova criação, e não apenas de abandonar alguns vícios e aceitar algumas virtudes. Por ou-

tro lado, ele diz que isto deve nos levar ao conhecimento.²¹

De que conhecimento os colossenses precisavam? A lei de Moisés, que continha a aliança dada por ele no monte Sinai (Deuteronômio 4:2–8, 13), não deveria mais ser o padrão para suas vidas. Jesus possui toda a sabedoria e conhecimento; Ele os fez perfeitos, completos, nEle e era “tudo em todos” (3:11) para eles. Não precisavam de ninguém nem de nada mais, pois Jesus é a única fonte e o único modelo para a vida cristã. Tradições judaicas, religiões místicas, a filosofia grega e o paganismo nada tinham a oferecer.

Lendo a revelação de Deus dada aos apóstolos e profetas por médio do Espírito, hoje nós também podemos “entender” o mistério de Cristo (Efésios 3:4). Deus coloca líderes e mestres na igreja para ajudar os cristãos, mediante o conhecimento do Filho de Deus, a crescerem “à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Efésios 4:13). Se alcançarmos a natureza de Jesus, o qual é a imagem de Deus, seremos santos, pois Deus é santo (1 Pedro 1:16).

Mesmo sendo cristãos fiéis, não conseguiremos atingir um nível de satisfação com o nosso viver cristão. Nosso exemplo de vida – Jesus Cristo, a régua pela qual devemos avaliar nosso crescimento – é muito superior a nós. Somos sempre desafiados a galgar mais um degrau acima e continuar a amadurecer, mas jamais poderemos atingir a perfeição que está em Cristo. Jesus exige o que é certo, não o que é fácil.

“No qual não pode haver grego nem judeu” (3:11a)

Esse estado de renovação que Paulo descreveu não é a renovação do velho eu; o velho eu morreu. Antes, é o novo eu que precisa ser renovado continuamente. O dono de um carro novo esvazia o tanque e precisa completá-lo vez após vez; às vezes, terá que trocar os pneus, a bateria ou outras peças.

No qual traduz o advérbio grego ὅπου (*hopou*), que significa “onde”. Os que experimentam esta renovação estão num novo estado espiritual “no qual” – ou “onde” – não existe distinção de raça, nacionalidade, região, classe e posição social. Isto não quer dizer que essas distinções não existem

²¹ Eduard Schweizer, *The Letter to the Colossians: A Commentary*, trad. Andrew Chester. Zürich: Benziger Verlag, 1976; reimpressão, Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1982, p. 197.

de uma perspectiva humana; elas não existem do ponto de vista divino. Os cristãos devem adotar a mente de Deus (Efésios 4:1–3). Entramos nesse estado pelo batismo em Cristo, no qual todos se tornam um (Gálatas 3:26–28). Paulo também expressou esta verdade em 1 Coríntios 12:13.

Os vícios que Paulo enumerou em 3:5, 8 e 9 causam divisões e criam barreiras entre grupos étnicos, mas a sua lista de virtudes citada em 3:12–14 pode ajudar a eliminar essas divisões. Apesar de haver ódio e rivalidade entre esses grupos antes de se tornarem cristãos, as diferenças deveriam desaparecer e não mais prevalecer entre a comunidade cristã em Colossos.

Talvez Paulo tenha mencionado os gentios em primeiro lugar no versículo 11 para enfatizar que os judeus não estão à frente dos outros perante Deus. Em outras duas listas, Paulo mencionou os judeus em primeiro lugar e depois os gregos (1 Coríntios 12:13; Gálatas 3:28), o que era a ordem normal em suas listas (Romanos 1:16; 2:9, 10; 3:9, 29, 30; 9:24; 10:12; 1 Coríntios 1:24). Na maioria destas passagens, ele alistou somente dois grupos, dividindo-os em **judeu[s]** e **grego[s]** (Ἑλλην, *Hellen*) – ou seja, judeus e não judeus, ou gentios. Sua intenção poderia ser expressar a mesma ideia nesta lista, porém ele mencionou outros grupos a fim de ilustrar a totalidade dos grupos que são aceitos em Cristo no mesmo nível.

Paulo não estava dizendo que todo grupo fora de Cristo deve ser aceito e deve ter a mesma consideração que os que estão em Cristo. As barreiras mencionadas só são derrubadas em Cristo (Gálatas 3:28). Jesus derrubou a parede da lei para reconciliar todos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz (Efésios 2:14–16). Deus ensinou a Pedro que Ele não faz acepção de pessoas e que os cristãos não deviam traçar linhas divisórias entre cristãos judeus e cristãos gentios (Atos 10:34, 35; 15:7–11). Paulo lutou em várias ocasiões para promover a unidade de todas as classes de pessoas que estão em Cristo²².

O procedimento para entrar na nova vida é o mesmo para todos os grupos de pessoas. Os judeus eram pecadores e não eram melhores do que os gentios (Romanos 3:9, 10). Por essa razão, Deus não faz distinção entre os dois ao exigir os requisitos para a salvação (Atos 15:9, 11; Romanos 3:22).

²²Atos 15:1, 2; 1 Coríntios 12:12, 13, 20; Gálatas 2:11–14; 3:26–28.

“Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos” (Romanos 11:32).

“Circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita” (3:11b)

A palavra **circuncisão** referia-se aos judeus, incluindo prosélitos, enquanto **incircuncisão** referia-se a todos os não judeus, os gentios. Paulo mencionou “circuncisão” antes de “incircuncisão” na maioria dos casos, pois essa ordem mostrava maior respeito pelos que debaixo da lei eram circuncisados (veja Romanos 4:9–12; 1 Coríntios 7:18, 19; Gálatas 5:6; 6:15). Ele inverteu essa ordem em dois casos, porém, para enfatizar que em Cristo não há distinção (Gálatas 2:7; Efésios 2:11). Em 1 Coríntios 7:18a ele mencionou circuncisão em primeiro lugar e depois no versículo 18b inverteu a ordem.

Os judeus referiam-se a estrangeiros culturalmente retrógrados como **bárbaro[s]** e **cita[s]**, ao passo que “incircuncisados” referia-se a não judeus civilizados e incivilizados. Os gregos consideravam todos os não gregos bárbaros – até os romanos, inicialmente. Mais tarde, à medida que começaram a assimilar a cultura grega, os romanos também foram chamados de “gregos”. Os romanos e os gregos viam todos que estavam fora da cultura greco-romana como bárbaros.

A palavra “bárbaro” (βάρβαρος, *barbaros*) aparece em outros textos do Novo Testamento (Atos 28:2, 4; Romanos 1:14; “estrangeiros” em 1 Coríntios 14:11). Refere-se aos que eram incultos e incapazes de falar a língua conhecida pelo ouvinte culto. Jesus eliminou a distinção de “bárbaro” e substituiu-a pela palavra “irmão”.

“Bárbaro” e “cita” não são dois grupos contrários, como os demais pares da lista no versículo 11. Os citas eram bárbaros, porém de um tipo inferior, considerado pelos judeus, romanos e gregos bárbaros rudes do tipo mais inferior. Eram tribos selvagens que viviam às margens do mar Negro. Josefo afirmou que eles eram um povo incivilizado que vivia como animais selvagens²³.

Heródoto escreveu o seguinte a respeito dos citas: “Bebiam o sangue dos primeiros inimigos mortos em batalha, e faziam guardanapos dos escalpos, e taças dos crânios dos mortos. Tinham os hábitos mais imundos e nunca se lavavam com

²³Flávio Josefo, *Contra Apionem* 2:269; veja também Filo, *Embaixada a Gaio* 10.

água”²⁴. Outros escritores deram testemunho da natureza depravada dos citas. Mesmo sendo uma gente desprezível, os que se tornaram cristãos foram respeitados pelos demais seguidores de Jesus. Pessoas dentro de qualquer segmento da sociedade podem ser unidas em Cristo, no qual as categorias não existem como barreiras. O cristianismo ajudou a eliminar as diferenças e a unir todos numa única irmandade.

“Escravo, livre” (3:11c)

Escravo e **livre** também podem encontrar igualdade em Cristo, o qual eliminou o abismo entre eles, a fim de serem unidos em amor fraternal. Ambos são livres em Cristo por causa da cruz. “Livres”, conforme usado por Paulo, poderia se aplicar ao que era escravo, mas também inclui quem nunca foi escravo. Embora a escravidão fosse uma realidade, os princípios de igualdade e amor encontrados em Cristo e ensinados por Ele uniram escravos e outros cristãos e, finalmente, triunfaram abolindo a escravidão.

Os romanos possuíam muitos escravos, a maioria dos quais eram prisioneiros de guerra. “Um escravo no mundo antigo era, em termos legais, não uma pessoa, mas um objeto de propriedade, ‘um utensílio vivo’, segundo Aristóteles...”²⁵ Às vezes os escravos eram mais cultos dos que seus donos, os quais muitas vezes os tratavam como animais. Alguns eram capazes de comprar a liberdade ou consegui-la como um favor por um serviço especial. Isto ocorreu com Félix, um escravo de Antonia, mãe e Cláudio César.

Deus confundiu as línguas dos homens para que as pessoas se espalhassem pelo mundo (Gênesis 11:1–8). Aparentemente, Ele fez isto de modo que a raça humana se dividisse, mas ainda continuasse em grupos familiares unificados. O propósito divino era espalhar as pessoas para que elas não realizassem seus planos malignos. A obra de Jesus foi diferente: Ele veio para unir as pessoas em justiça para servir a Deus. Ele não veio para unir todos numa só nação terrena. Ele veio para purificar Seus seguidores para que Ele os unisse e formasse uma irmandade de seguidores por todo o mundo. Ele não deixou espaço para que houvesse divisões e paredes de separação em Seu único corpo.

²⁴Heródoto, *História* 4.64, 65, 75; citado em Hendriksen, p. 154.

²⁵Peter T. O’Brien, *Colossians, Philemon*, Word Biblical Commentary, vol. 44. Waco, Tex.: Word Books, 1982, p. 193.

“Porém Cristo é tudo em todos” (3:11d)

Cristo é tudo em todos. Tudo o quê? Uma tradução literal seria: “Cristo é todas as coisas e está em todas as coisas”. Jesus é “tudo” no sentido de que o universo depende dEle, pois Ele o criou e o sustenta com a palavra do Seu poder (Hebreus 1:2, 3). Ele é “tudo” no sentido de que Ele supre todas as bênçãos espirituais de que o cristão necessita. Ele está em “tudo” porque através da presença e do poder dEle tudo é mantido por Ele (Colossenses 1:16, 17). Ele está em “tudo” no sentido de que todas as necessidades físicas e espirituais são providas aos que nEle habitam.

Além de Jesus ser tudo em tudo que existe, Ele também é tudo para quem foi feito nova criatura nEle. *Quem e o que* os cristãos são depende totalmente dEle. Por essa razão, nenhuma linha divisória deve ser traçada entre os vários elementos étnicos pertencentes à comunidade cristã. Cristo provê tudo o que é necessário para unificar o Seu povo.

Falando sobre este tema em Coríntios, Paulo fez uma pergunta retórica: “Acaso, Cristo está dividido?” (1 Coríntios 1:13a). No grego essa pergunta é feita com a expectativa de uma resposta negativa. Poderia ser parafraseada assim: “Cristo não está dividido, está?” A resposta óbvia é: “Não, Ele não está dividido”. Se Ele é tudo para Seus seguidores e está em todos eles, então não devemos nos dividir porque Ele não é dividido. Todos os elementos dentro da comunidade cristã devem ser unidos, independentemente das barreiras sociais que possam existir.

A categoria limitada para “todos” neste contexto talvez seja que Ele está em tudo que é bom, incluindo cada um de Seus seguidores. A referência aqui se aplica a todos os crentes em quem Ele habita (João 17:23) e não a toda a humanidade fora dEle, em quem Satanás habita (João 8:44; 13:27). Porque Ele é tudo e está em tudo que é bom no universo, Ele é tudo para os cristãos. Se somos cristãos fiéis, fazemos parte do que é bom em Seu universo.

REVESTINDO-SE DAS BOAS QUALIDADES (3:12–14)

¹²Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. ¹³Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos

perdoou, assim também perdoai vós; ¹⁴acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição.

“Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados” (3:12a)

A conjunção **pois** (οὖν, *oun*) vincula a oração ao que foi dito antes: “Cristo é tudo em todos”. Em resposta a Cristo ser “tudo em todos”, os colossenses deveriam desenvolver virtudes harmoniosas e condizentes com o Cristo todo-suficiente. Paulo também poderia estar se referindo à sua declaração nos versículos 9 e 10, de que eles de despiram do velho homem e se revestiram do novo homem. Tendo feito isto, deveriam criar em suas vidas a nova natureza desenvolvendo as virtudes da nova pessoa em Cristo.

Os cristãos de Colossos foram **eleitos** (ἐκλεκτοί, *eklektōi*). Certas qualificações precisam ser preenchidas para que uma pessoa seja eleita ou escolhida. Isto ocorreu com a substituição de Judas e com os sete homens escolhidos para servir as mesas (Atos 1:21–25; 6:5). Uma pessoa precisa estar em Cristo (Efésios 1:4) para que esteja qualificada entre os eleitos de Deus. Todos que estão em Cristo foram batizados nEle; por isso são os eleitos ou escolhidos de Deus. Os colossenses receberam o batismo (2:12), por isso eles estavam entre os eleitos. Deus não elegeu os que estão fora de Cristo.

Uma prova de que os “eleitos”, “os escolhidos” não são pré-designados à salvação é evidente na declaração de Paulo a respeito dos eleitos em 2 Timóteo 2:10: “Por esta razão, tudo suportar por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna glória”. Se os eleitos já tivessem a salvação, por que Paulo precisaria enfrentar tantas tribulações a fim de que eles obtivessem a salvação? Por que ele oraria para Israel ser salvo (Romanos 10:1–3), se o número de salvos já estivesse determinado antes da criação da terra? Como já foi dito, os eleitos e os que têm a salvação são os que estão em Cristo. Todas as pessoas têm a opção de entrar na nova vida em Cristo através do batismo, passando, assim, a fazer parte dos eleitos de Deus.

Deus predestinou que os que entram na nova vida em Cristo serão conformados à imagem de Cristo (Romanos 8:29). Estes são o Seu povo escolhido – o grupo que Ele previa desde o princípio, que creia na verdade (2 Tessalonicenses 2:13), no evangelho da salvação (Efésios 1:13). Aqueles que

não obedecem a esse evangelho serão castigados com a destruição eterna (2 Tessalonicenses 1:7–9). As pessoas têm a escolha de obedecer ou desobedecer, e quem quiser fazê-lo vai “receber de graça a água da vida” (Apocalipse 22:17). Deus quer que as pessoas atendam à Sua vontade (2 Pedro 3:9), mas Ele não força ninguém a obedecer. Jesus chorou por Jerusalém (Lucas 19:41) porque Ele desejava trazê-la para Si, mas seus cidadãos não queriam ir até Ele (Mateus 23:37). Jesus os elegeu, mas eles O recusaram. Todos têm livre arbítrio.

Dois palavras adicionais são usadas para descrever esses eleitos. A palavra grega ἅγιοι (*hagion*), aqui traduzida por **santos**, também aparece em 1:2, 4, 12, 26. **Amados** (ἠγαπημένοι, *egapemenoi*), usada por Paulo em outros textos precisamente nesta forma (1 Tessalonicenses 1:4; 2 Tessalonicenses 2:13), significa que eles se tornaram amados e continuavam sendo amados por Deus. Esses dois termos descrevem seu relacionamento com Deus.

Esses irmãos estavam entre os eleitos de Deus, “pois” – “portanto” – deveriam viver como quem é “santo e amado” de Deus. Eram especiais para Deus. Por não serem comuns, mas santos, separados dos vícios mundanos, deveriam ser exemplo das virtudes espirituais mais elevadas e excelentes. Essas qualidades os tornariam as pessoas mais nobres de suas comunidades.

“Revesti-vos... de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade” (3:12b)

Os colossenses já haviam se revestido “do novo homem” (3:10), mas isso não causou uma mudança imediata em suas personalidades. Eles precisavam revestir-se de certas graças que são coerentes com uma nova criatura. Eles foram transformados de peregrinos sujos e pecadores para cidadãos respeitáveis do reino de Cristo. Não poderiam continuar vestidos das roupas manchadas de antes, mas tinham que vestir as vestes sem mácula da nova vida em Cristo.

Revesti-vos (ἐνδύσασθε, *endusasthe*) é uma ordem que enfatiza a necessidade dos colossenses se vestirem com as virtudes citadas a seguir. Isto é compatível com a mudança que fez deles o povo eleito, santo e amado de Deus. Por causa de quem eram, esperava-se que fossem espiritualmente diferentes.

“As virtudes aqui comentadas por Paulo são exatamente opostas aos vícios condenados acima –

graças sociais, não pecados sociais.”²⁶ A ausência de vícios nos versículos 8 e 9 e a presença de virtudes nos versículos 12 a 14 não são só necessárias para o caráter cristão, como também essenciais à unidade. Ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena e mentira podem esfregar uma comunidade; a ausência desses males é essencial para que haja união. Misericórdia, bondade, humildade, mansidão, longanimidade, tolerância, perdão e amor são o fundamento sobre o qual se constrói a unidade. Negligenciar essas virtudes e praticar seus opostos, os vícios, só traz confusão e divisão.

As virtudes que os colossenses deveriam desenvolver em suas vidas classificam-se em três grupos: 1) atitudes para com o próximo – um coração de misericórdia, bondade, mansidão e amor; 2) atitude para consigo mesmo – humildade e 3) reações a maus tratos – longanimidade, tolerância e perdão. As cinco primeiras incluem atitudes e as três últimas envolvem reações. Os colossenses deveriam “revestir-se” de certas qualidades (3:12–14) e fazer certas coisas (3:15–17). De modo semelhante, assim como os vícios exercem um efeito sobre o próprio indivíduo e sobre outros, as virtudes também exercem seus efeitos.

Ternos afetos aqui é *σπλάγχνον* (*splagchnon*), que significa literalmente “entranhas” (veja RC). Quase sempre usada no plural, a palavra se refere às partes viscerais de uma pessoa, como as “entranhas” de Judas (Atos 1:18). Em Filemom 7, 12 e 20 e 1 João 3:17, o termo é vertido para “coração”, mas em outros casos, é traduzido por “entranhável” e “terna” (modificando “misericórdia”; em Lucas 1:78 e Filipenses 1:8), e “afeto(s)” (2 Coríntios 6:12; 7:15; Filipenses 2:1). Paulo usou essa palavra aqui com referência à compaixão. No pensamento grego e judaico, várias emoções estavam associadas com partes do corpo – entranhas, fígado, rins e coração. Os gregos consideravam as entranhas o lugar das paixões como a raiva e o amor. Os hebreus consideravam as entranhas a fonte do afeto, da solidariedade, da misericórdia e do amor.

A forma verbal desse vocábulo (*σπλαγχνίζομαι*, *splagchnizomai*), que significa “sentir compaixão”, expressa a mente de Jesus para com os necessitados (Mateus 9:36; 14:14; Marcos 1:41; 8:2; Lucas 7:13). Jesus usou esse verbo em parábolas para descrever os sentimentos dos que eram tocados pelas necessida-

des dos outros (Mateus 18:27; Lucas 10:33; 15:20).

A **misericórdia** (*οἰκτιρισμός*, *oiktirmos*) se expressa em atos de misericórdia, compaixão, preocupação e conscientização dos problemas das pessoas. A palavra implica um sentimento de solidariedade pelos outros, especialmente pelos que estão sofrendo ou em necessidade de ajuda. É uma terna e cordial disposição que é profundamente sensibilizada ao ver pessoas sofrendo.

Splagchnon e *oiktirmos* juntas significam literalmente “entranhas de misericórdia”. A melhor tradução seria “sincera misericórdia”.

Bondade (*χρηστότης*, *chrestotes*) – que significa prontidão, generosidade, ternura, retidão ou benevolência – descreve uma qualidade da natureza de Deus (Lucas 6:35; Romanos 2:4; 11:22; 2 Coríntios 6:6; Efésios 2:7; Tito 3:4) e é uma qualidade que os cristãos devem desenvolver (Gálatas 5:22). Jesus citou Deus como exemplo de bondade para Seus discípulos seguirem (Lucas 6:35). Ao citar Salmos 14:1b, Paulo escreveu: “Não há quem faça o bem [*chrestoteta*]” (Romanos 3:12b). Talvez os cristãos não possuam completamente essa característica; todavia, com a ajuda de Deus, podemos desenvolvê-la até certo grau.

A próxima virtude é **humildade** (*ταπεινοφροσύνη*, *tapeinofrosune*). Esta palavra é usada para uma atitude modesta para consigo mesmo em contraste com a falsa humildade (2:18, 23), orgulho, arrogância e presunção. Além de aparecer na carta aos Colossenses, ela é usada outras quatro vezes no Novo Testamento (Atos 20:19; Efésios 4:2; Filipenses 2:3; 1 Pedro 5:5a). Outras variações da palavra encontram-se no Novo Testamento grego. Jesus referiu-Se a Si mesmo como “humilde de coração” em Mateus 11:29. Paulo escreveu que Jesus “humilhou-Se” em Sua morte, através da qual Ele foi exaltado (Filipenses 2:8, 9). Deus se opõe ao orgulho, mas concede graça aos que são “humildes” e os exaltarão (1 Pedro 5:5b, 6).

Pessoas humildes geralmente eram desprezadas pelos gregos, romanos e pelo resto do mundo pagão; que as considerava fracas e covardes. No pensamento bíblico, porém, a humildade expressa uma autoestima modesta em relação aos outros e um reconhecimento de que todos são de igual valor perante Deus. Pessoas humildes reconhecem que qualquer habilidade aparentemente superior que elas tenham receberam de Deus e não são de sua própria autoria (1 Coríntios 4:7).

O centurião mostrou humildade quando man-

²⁶ A. T. Robertson, *Paul and the Intellectuals: The Epistle to the Colossians*, rev. e ed. W. C. Strickland. Nashville: Broadman Press, 1959, p. 107.

dou amigos dizerem a Jesus: “Senhor, não te inco- modes, porque não sou digno de que entres em minha casa” (Lucas 7:6). Um cobrador de impostos em uma das parábolas de Jesus mostrou humilha- de ao dizer: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lucas 18:13). Paulo disse aos presbíteros de Éfeso que ele servia a Deus com toda humildade (Atos 20:19). Ele admoestou os filipenses: “...por humil- dade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo” (Filipenses 2:3).

Mansidão (πραΰτητα, *prauteta*) é definida como “a qualidade de não ficar demasiadamente impres- sionado por um sentimento de valor próprio, hu- mildade, cortesia, consideração, brandura”²⁷. Paulo geralmente incluiu esta qualidade como uma a ser desejada e desenvolvida pelos cristãos²⁸. Quem é manso é benevolente, amável e afetuoso, sendo ca- racterizado por uma disposição solícita. O manso não é áspero, indelicado ou rude. Isto não quer di- zer que ele seja fraco. Uma pessoa fraca não seria capaz de levantar noventa quilos de uma mesa e colocá-los cuidadosamente no chão; só uma pes- soa forte pode fazer isso. É preciso força interior para ser manso quando as pessoas são cruéis, inde- licadas, desdenhosas ou desrespeitosas.

A última qualidade desta lista é **longanimi- dade**. A palavra grega usada aqui (μακροθυμία, *makrotumia*) é definida como o “estado de ser capaz de suportar provocação, tolerância, paciência com outros”²⁹. Quem é longânimo está disposto a sofrer prejuízo e permanecer inabalável nas circunstân- cias difíceis. A palavra é usada para o tratamento da parte de Deus e de Jesus para com a humani- dade (Romanos 2:4; 9:22; 1 Timóteo 1:16; 1 Pedro 3:20; 2 Pedro 3:15), além de ser uma qualidade que os cristãos devem possuir (2 Coríntios 6:6; Gálatas 5:22; Efésios 4:2; 2 Timóteo 4:2). Tiago citou agricul- tores, os profetas e Jó como exemplos de paciência (Tiago 5:7, 10, 11). Jesus, porém, é o maior exemplo: “Pois Ele, quando ultrajado, não revidava com ul- traje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente” (1 Pedro 2:23). Jesus suportou “oposição dos pecadores con- tra Si mesmo” (Hebreus 12:3).

²⁷Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testa- ment and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 861.

²⁸Veja 1 Coríntios 4:21; 2 Coríntios 10:1; Gálatas 5:23; 6:1; Efésios 4:2; 2 Timóteo 2:25; Tito 3:2.

²⁹Bauer, p. 612.

Adversidade e tribulações podem ajudar o cristão a desenvolver o caráter (Romanos 5:3, 4; Tiago 1:2–4). Isto só acontece quando o fiel suporta pacientemente as ofensas e as situações de prova- ção ou tentação da vida (1 Coríntios 4:12; 1 Pedro 2:20). “Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça” (Hebreus 12:11).

“Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós” (3:13)

Esperava-se que os colossenses continuassem desenvolvendo as virtudes de tolerância e perdão. **Suportai-vos** (ἀνέχομαι, *anechomai*) significa ser tolerante – disposto a suportar situações difíceis e irritantes, e provocação dos outros. Em Efésios 4:2, Paulo afirmou que o amor deve ser acrescentado à característica de suportar uns aos outros. Jesus su- portou aqueles cujas ações poderiam provar a Sua paciência (Mateus 17:17; Marcos 9:19; Lucas 9:41). Seus seguidores podem ter que suportar tribulações ou perseguições (1 Coríntios 4:12; 2 Tessalonicenses 1:4; 2 Timóteo 3:12). Também devemos estar dis- posta a suportar insultos e atos abusivos de outros por causa da fé³⁰. Falando positivamente, “supor- tar” significa tolerar gentilmente a maldade e aben- çoar em vez de retaliar (Lucas 6:28; Romanos 12:14; 1 Pedro 2:21–23). Falando negativamente, significa não ficar chateado e enfurecido quando injustiçado ou tratado mal. Os colossenses deveriam aprender a não reagir inapropriadamente à descortesia de outros, mas a agir com um espírito tolerante.

A tolerância deve ser mostrada para com os ir- mãos em Cristo. Pessoas sempre fazem coisas que irritam ou ofendem alguém. Os cristãos devem desenvolver uma atitude tolerante para com seus irmãos. Paulo usou **uns aos outros** e **mutuamente** para expressar a proximidade que deveria existir na comunidade de crentes. Como irmãos e irmãs em Cristo, precisamos ter o cuidado de não agir como membros de uma família que se irritam mais uns com os outros do que com quem é de fora da famí- lia.

O verbo **perdoai-vos** (χαρίζομαι, *charizomai*; um

³⁰Atos 18:14; 2 Coríntios 11:1, 4, 19, 20; Efésios 4:2; 2 Tim- óteo 4:3; Hebreus 13:22.

cognato de *χαρίς*, *charis*) pode significar “dar”, “conceder” ou “conferir” (veja Lucas 7:21; Romanos 8:32; 1 Coríntios 2:12; Gálatas 3:18; Filipenses 1:19; 2:9; Filemom 22) ou “entregar alguém aos cuidados ou sob a guarda” de outro (Atos 3:14; 25:11, 16). Também pode se referir ao perdão de uma dívida ou ofensa como acontece aqui (Lucas 7:42, 43; 2 Coríntios 2:7, 10; Efésios 4:32). Não é a palavra mais frequentemente usada para “perdão”, a qual é *ἄφεσις* (*afesis*); mas sugere um sentido pleno de perdão, como no caso dos dois devedores cujas dívidas foram totalmente perdoadas em Lucas 7:42. Paulo usou o verbo num tempo que indica que os colossenses deveriam perdoar continuamente uns aos outros.

Ensinando sobre perdão, Jesus, na maioria das vezes, usou as palavras *ἄφεσις* (*afesis*, “perdão”) e *ἀφίημι* (*afíemi*, “perdoar”). Ele ensinou que o perdão deve ser praticado perpetuamente: “setenta vezes sete” (Mateus 18:22). Jesus ilustrou este conceito com uma parábola sobre um escravo que foi perdoado pelo seu senhor por uma grande dívida, mas que depois exigiu que um colega escravo lhe pagasse uma pequena dívida. O senhor, então, puniu esse escravo implacável (Mateus 18:23–34). Jesus concluiu a parábola, afirmando: “Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão” (Mateus 18:35). Deus não perdoará quem se recusar a perdoar o seu próximo (Mateus 6:14).

Devemos perdoar ofensas que recebemos, como desprezos, insultos, rejeições e prejuízos. A reação natural a uma injustiça pode ser retaliação de um espírito que não perdoou e que está contrariado. Em vez de procurar ofender quem nos ofendeu, devemos fazer o bem (Lucas 6:35; Romanos 12:20, 21).

Queixa (*μομφή*, *momfe*), como substantivo no grego, só aparece neste versículo do Novo Testamento. A forma verbal da palavra, *μέμφομαι* (*memfomai*), significa “culpar” ou “criticar” (Marcos 7:2; Romanos 9:19; Hebreus 8:8). Paulo não sugeriu que a queixa tivesse que ser justa. Estejamos ou não justificados por nos ofender com alguma coisa, temos que oferecer perdão a quem nos ofendeu. Depois que a ofensa for perdoada, ela deve ser esquecida. É assim que o Senhor nos perdoa. “Senhor” neste versículo refere-se a Jesus.

Na frase **como o Senhor vos perdoou** (*χαρίζομαι*, *charizomai*), o verbo “perdoou” é o mesmo usado anteriormente no versículo; porém está no tempo aoristo, indicando que o Senhor *concluiu* o ato de perdoar os antigos pecados dos colossenses.

O perdão é uma característica importante para os cristãos³¹. Se Deus nos perdoa todas as muitas vezes que violamos a Sua vontade, também devemos nos perdoar uns aos outros. Só uma pessoa sem pecado teria o direito de não perdoar. Jesus nos deu o exemplo e o motivo para perdoarmos (veja Efésios 4:32).

As locuções **assim como** e **assim também** (*καθὼς και*, *kathos kai*³² e *οὕτως και*, *houtos kai*³³) são comuns nos textos de Paulo. Esta construção foi usada para enfatizar Jesus como o modelo a ser copiado pelos colossenses. Eles deveriam imitar a Jesus, o qual “perdoou-os” completamente. O texto original diz apenas: “E assim como o Senhor vos perdoou, também vós”. O complemento da oração é subentendido: “...também vós *deveis perdoar*”. Quem experimentou o perdão de Deus deve se dispor a perdoar os outros.

“Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição” (3:14)

A qualidade mais excelente que os cristãos devem desenvolver é o “amor” (*ἀγάπη*, *agape*); ele excede todas as demais virtudes (1 Coríntios 13:13; 1 Pedro 4:8). O amor é colocado como o ápice das virtudes cristãs. De uma perspectiva grega, isto fica evidente porque “amor” é a primeira virtude citada na lista de Paulo em Gálatas 5:22. Ele é mencionado por último em 2 Pedro 1:5–7, talvez porque esta é a forma hebraica de enfatizar uma coisa de grande importância. O amor edifica os outros (1 Coríntios 8:1) e motiva o desenvolvimento de todas as demais virtudes (Romanos 13:8–10; Gálatas 5:14).

O amor não se baseia no fato da outra pessoa ser digna ou fácil de ser amada. Os cristãos devem amar tanto os que são merecedores de amor como os que não são. É assim que Deus ama (1 João 4:9, 10). Ele ama tanto este mundo pecaminoso, indigno do Seu amor, que deu o Seu Filho para salvá-lo (João 3:16). Deus ama porque Ele é um Deus de amor, não porque as pessoas sejam merecedoras de amor.

O versículo 14a diz: **Acima de tudo isto, porém, esteja o amor**. A RA fez um acréscimo ao inserir “esteja”. O texto original diz literalmente: “E sobre todos eles o amor”. Está implícito o verbo “revestir-se”. O grego *ἐπι* (*epi*), traduzido por “acima de”, também significa “em, sobre, em cima de”,

³¹ Veja Romanos 12:17–21; 2 Coríntios 2:5–11; Gálatas 6:1, 2; Filemom 17, 18.

³² Romanos 15:7, 8; Efésios 5:2, 25, 29.

³³ Romanos 5:15, 18; 11:31; 1 Coríntios 2:11.

como em 3:2, 6. Outra possível tradução é “além disso”. O significado preferido pode conter a ideia de graus de amor: “mais do que todos estes”, “acima de tudo”, ou como traduziu a RA, “acima de tudo isto”. O significado não é tão diferente se a oração for entendida como “acrescente-se a estes [ou, sobre todos estes] o amor”.

A seguir, Paulo relacionou o conceito de amor a unidade. A palavra grega para **vínculo** (*σύνδεσμος*, *sundesmos*) refere-se àquilo o que mantém as coisas unidas. O termo é traduzido por “laço” em Atos 8:23 e por “ligamentos” em Colossenses 2:19.

Apresentamos abaixo três interpretações sugeridas em relação ao amor ser o “vínculo da perfeição”: o amor é um vínculo que liga os cristãos, liga as virtudes cristãs ou traz perfeição à vida do cristão. Nenhuma destas três interpretações faria injustiça à influência do amor nas vidas dos cristãos. Vejamos mais detalhadamente cada uma dessas linhas de pensamento.

Em primeiro lugar, o amor é o adesivo que é completamente adequado e contém tudo que é necessário para manter os seguidores de Jesus unidos. Ele é o maior agente de ligação. Somos atraídos uns aos outros e agregados numa unidade perfeita e harmoniosa pelo poder de formar laços que o amor tem. Um exemplo disso é a maneira como a alma de Jônatas estava ligada à alma de Davi (1 Samuel 18:1).

Em segundo lugar, o amor é o cordão de virtude que amarra o feixe de todas as demais virtudes mantendo-as juntas em perfeita unidade. Ele as une completamente para que formem um todo orgânico. A ideia de que o amor exerce esse efeito é uma explicação possível, porém questionável.

Em terceiro lugar, o amor é a característica que produz maturidade espiritual ou perfeição. Se este for o significado, então o amor é a característica que faz os cristãos desenvolverem outras virtudes (1 Coríntios 13:4–7). Alguns comentaristas fundem esta explicação com a primeira sugerindo que, uma vez que o amor une harmoniosamente os cristãos, ele produz relacionamentos completos. A perfeição nos relacionamentos entre os crentes seria o resultado do amor mútuo. O amor é o vínculo que pode ajudar os cristãos como um grupo a alcançar a maturidade do crescimento, atingindo a unidade pacífica em Cristo.

Em resumo, a lista de virtudes de Paulo em 3:12–14 é esta:

1. A “misericórdia” leva uma pessoa a sentir as ofensas dos outros ao nível de querer ajudá-las em momento de necessidade e sofrimento.
2. A “bondade” motiva um cristão a reagir aos outros com afeto sem aspereza nem grosseria.
3. A “humildade” faz uma pessoa integrar-se espontaneamente com pessoas de todas as classes e não se exaltar acima dos outros nem sentir-se superior aos outros.
4. A “mansidão” serve de amortecedor nos relacionamentos, suavizando as extremidades imperfeitas das personalidades. Ela é o toque suave que apela ao coração do outro.
5. A “longanimidade” é a virtude que vê os infortúnios da vida de uma perspectiva em longo prazo, reconhecendo que eles são transitórios e perdem a importância com o passar do tempo.
6. “Suportar uns aos outros” é uma qualidade que faz a pessoa ignorar insultos, enfrentar obstáculos e não retaliar quando ofendida.
7. “Perdoar” é uma qualidade da natureza do próprio Deus, que não guarda rancor, mas esquece a ofensa que Lhe foi feita.
8. O “amor” é o vínculo de todas as virtudes, matizando preocupação e misericórdia com o próximo. Ele desperta uma prontidão para a pessoa se sacrificar pelo objeto de sua afeição.

ESTUDO COMPLEMENTAR: “AMOR” (3:14)

O “amor” é definido como “a qualidade de preocupar-se e interessar-se pelo próximo, estima, afeição, consideração, amor (sem limitação a relacionamentos muito íntimos, e raramente no grego se refere a atração sexual)”³⁴. O verbo aparece em 3:12, 19 e o substantivo é usado em 1:4, 8, 13; 2:2 e 3:14.

Dois vocábulos gregos, em suas variações, são traduzidos por “amor” no Novo Testamento: *ἀγάπη* (*agape*, juntamente com a forma verbal *ἀγαπάω*, *agapao*) e *φιλέω* (*fileo*). O substantivo *φίλη* (*file*) não aparece no Novo Testamento. O significado básico de *fileo* é uma inclinação, incitada pela emoção, para deleitar-se com e sentir amizade por

³⁴Bauer, p. 6.

outra pessoa. *Agapao* é afeição, benevolência e calor humano. Na época de Paulo, *agapao* estava se tornando mais usado para expressar amor incluindo o sentido de *fileo*. Existe uma considerável sobreposição no uso das suas palavras. O outro vocábulo grego usado para “amor”, *ἔρως* (*eros*; referindo-se a amor erótico), não aparece no Novo Testamento.

Fileo. Paulo usou o verbo *fileo* sozinho apenas em 1 Coríntios 16:22 e Tito 3:15. Ele aparece mais frequentemente, onze vezes, em João. *Fileo* é definido como amizade, afeição e atitude fraternal para com outros. O substantivo grego *filos* é traduzido por “amigo” vinte e oito vezes. É comumente usado em palavras compostas: “amor fraternal”, *filadelfia* (Romanos 12:10); “amor ao dinheiro”, *filarguria* (1 Timóteo 6:10); “amantes de dinheiro”, *filarguros* (2 Timóteo 3:2); “amantes de si mesmos”, *filautos* (2 Timóteo 3:2); “amantes do prazer”, *filedonos* (2 Timóteo 3:4); “amor... pelo bem”, *filagathos* (Tito 1:8); “amor... pelo marido”, *filandros* (Tito 2:4); “amor... pelos filhos”, *filoteknos* (Tito 2:4) e “o amor [de Deus] pela humanidade”, *filanthropos* (Tito 3:4).

Fileo inclui afeição natural, mas também pode ser um amor aprendido. As mulheres mais velhas devem ensinar as mais jovens a amarem seus maridos e filhos (Tito 2:4). (Uma só palavra no grego, *φιλόανδρος* [*filandros*] exprime “amantes dos maridos”.) Aparentemente, *fileo* pode ser ensinado e compreendido.

Agapao. Este tipo de amor pode incluir o amor *fileo*³⁵, mas o relacionamento *agapao* envolve uma preocupação mais profunda com os outros do que *fileo*. Ambos podem se aplicar a uma preferência por algo, como no amor pelos lugares principais (*fileo* em Mateus 23:6; *agapao* em Lucas 11:43) ou por uma pessoa, como o amor de Jesus pelo “discípulo a quem Ele amava” (*agapao* em João 19:26; 21:7, 20; *fileo* em João 20:2). Deus disciplina e repreende a quem Ele ama (*agapao* em Hebreus 12:6 e *fileo* em Apocalipse 3:19). Considerando que *agapao* é usado em muitos casos, nem sempre ele significa afeição natural. Todavia, Jesus olhou para o jovem rico e o “amou” (Marcos 10:21), o que parece implicar um tipo de amor natural.

Alguns comentaristas concluíram que *agapao*

³⁵“Se formos diferenciar *fileo* e *agapao*... no NT, o primeiro é provavelmente o amor da amizade, o segundo, o amor reverencial: mas parece haver uma crescente tendência de considerar os dois verbos como sinônimos” (James Hope Moulton e George Milligan, *The Vocabulary of the Greek Testament*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1930, pp. 669–70).

não contém a ideia de afeição emocional, principalmente porque Jesus ensinou que Seus seguidores devem amar seus inimigos. Considerando que há graus de amor (Mateus 10:37; Lucas 7:42, 47; João 15:13), podemos concluir que não nos é exigido amar os inimigos na mesma intensidade de afeição que amamos nossos irmãos em Cristo. Num sentido, Jesus parece ter amado um dos discípulos mais do que os demais. Essa maior afeição está implícita em João 19:26 e 21:7 e 20.

Níveis diferenciados de amor são exigidos dos cristãos. O nível mais elevado é o amor a Deus. Devemos amar a Deus de todo o coração, alma e entendimento (Mateus 22:37; Marcos 12:30). O segundo nível é o amor pela família e pelos irmãos na fé, o tipo de amor que Jesus tinha e tem por Seus seguidores (João 13:34). O terceiro nível é o amor ao próximo, a quem devemos amar como a nós mesmos (Mateus 22:39). O último nível é o amor pelos inimigos (Mateus 5:44; Lucas 6:35). Não nos é exigido amar os inimigos do mesmo modo que amamos a Deus, aos irmãos em Cristo ou ao próximo.

Independentemente dos aspectos semânticos de *agapao* e *fileo*, os cristãos devem ter um amor sincero uns pelos outros. “Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?” (1 João 3:17). Quanto maior o amor que um cristão tem por seus irmãos na fé, mais ele se parece com Deus; pois Deus é amor (1 João 4:8). O amor que Jesus tem por Seus seguidores é o amor que deve preencher seus corações e motivá-los a servir a Deus. O amor é uma marca do discipulado derivada do coração. Essa marca os cristãos devem usar como uma insígnia. O amor permite que todos saibam que somos discípulos de Jesus (João 13:35).

PERDÃO (3:13)

O que é perdão? Jesus ensinou que precisamos perdoar os outros para sermos perdoados. No grego bíblico há quatro palavras usadas nas exposições sobre perdão.

1) A palavra *ἄφεσις* (*afesis*), que significa “soltar” ou “dar libertação” como do pecado, é usada somente com referência à atividade de Deus e não à nossa ação de perdoar os outros³⁶.

2) A única vez em que a palavra *ἀπολούω* (*apo-*

³⁶Mateus 26:28; Marcos 1:4; 3:29; Lucas 1:77; 3:3; 4:18; 24:47; Atos 2:28; 5:31; 10:43; 13:38; 26:18; Efésios 1:7; Colossenses 1:14; Hebreus 9:22; 10:18.

lous) é traduzida por “perdoar” é com referência a perdoar os outros: “perdoai e sereis perdoados” (Lucas 6:37b). Em outras passagens, esse verbo é traduzido por “despedir” (Mateus 15:23), “repu- diar” (Mateus 19:3) e “soltar” (Mateus 27:15).

3) A palavra ἀφίημι (*afíemi*) geralmente sig- nifica “deixar” [no sentido de permitir] (Mateus 3:15) ou “deixar” [no sentido de ir embora] (Ma- teus 4:11). Jesus mencionou perdoar as dívidas dos outros na oração modelo no sermão do monte (Mateus 6:12; veja Lucas 11:4). A seguir, Ele disse que devemos perdoar as ofensas (παράπτωμα, *paraptoma*; ou “transgressões”, Romanos 4:25) dos outros (Mateus 6:14, 15; Marcos 11:25, 26). Pedro perguntou sobre perdoar quem pecou (ἁμαρτία, *hamartia*) contra nós (Mateus 18:21). Devemos re- preender quem peca contra nós. Se este se arrepen- der, devemos perdoá-lo (Lucas 17:3, 4).

4) Outra palavra, χαρίζομαι (*charizomai*), é traduzida por “perdoar”, que significa perdoar gentilmente, ou seja, sem exigir que os outros re- compensem nossos sentimentos feridos (Efésios 4:32; Colossenses 3:13).

E os pecados cometidos contra nós? Pedro tinha um interesse pelo tema do perdão, pois ele pergun- tou a Jesus: “Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete ve- zes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mateus 18:21, 22). A seguir, Jesus deu o exemplo de um rei que perdoou dois servos por quantias diferentes de di- nheiro. Aquele a quem ele perdoou um valor maior foi torturado porque ele não quis perdoar a dívi- da de um colega. Jesus concluiu dizendo: “Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão” (Mateus 18:35).

Devemos abordar quem peca contra nós com uma preocupação sincera. Se eles se arrependerem, devemos perdoá-los (Lucas 17:3, 4). Jesus acres- centou a isto que se o irmão não nos ouvir quando formos até ele em particular, devemos levar uma ou mais testemunhas conosco. Se ele se recusar a ouvir, a questão deve ser levada perante a igreja; e se ele não ouvir a igreja; deve ser tratado “como se não fosse um cristão”³⁷ (Mateus 18:15–17). Em al- gumas situações, pode ser impossível repreender quem pecou contra nós. Neste caso, a reação ade-

quada deve ser perdoar o indivíduo (Lucas 23:34; Atos 7:60).

Os pecados cometidos contra nós são diferen- tes das dívidas ou obrigações civis. Jesus disse que quando estamos orando devemos perdoar se temos algo contra alguém. Se não perdoarmos es- sas ofensas, Deus não nos perdoará (Marcos 11:25, 26). Incluem-se nessas ofensas atos ofensivos da parte dos outros ou coisas que, pessoalmente, nos irritam, como desfeitas, insultos, rejeições e injus- tiças. Devemos perdoar tudo isso gentilmente. Se passarmos um bom tempo com alguém, essa pes- soa fará algo que nos desagradará. Não devemos guardar ressentimento contra ninguém; antes, de- vemos perdoar.

“A IRA DE DEUS” (3:6)

É preciso estudar a complexidade da nature- za divina para termos uma visão equilibrada de Deus. Ele é um Deus de graça e de justiça (Ro- manos 3:24, 26), ira e misericórdia (Romanos 2:5; 12:1), amor e ódio (Hebreus 1:9). Ele não está limi- tado a uma dessas características, pois Ele é tanto manso quanto severo (Romanos 11:22). Os seres humanos podem se identificar com os sentimentos de Deus porque, tendo sido criados à Sua imagem, possuímos as mesmas características. A diferença é que Deus controla e usa esses sentimentos de um modo correto enquanto nós os pervertemos e usa- mos mal.

A ira de Deus vem sobre os pecadores (Mateus 3:7). A boa notícia é que Jesus derramou Seu san- gue para o perdão dos pecados (Mateus 3:7; 26:28; 2 Coríntios 5:21) e, ao fazer isto, possibilitou que os crentes escapem da ira vindoura (1 Tessaloni- censes 1:10; 5:9). Jesus recompensará com salvação eterna aqueles que Lhe obedecerem (Hebreus 5:9), mas castigará os que não obedecerem ao evange- lho (2 Tessalonicenses 1:7–9). Deus dará um casti- go tão severo porque Ele odeia e já não pode amar (veja Oseias 9:15) pecadores hostis que continuam rebeldes (Salmos 5:5; 11:5).

Deus pode justificadamente irar-Se com quem não respeita Suas leis. “Porque a lei suscita a ira; mas onde não há lei, também não há transgressão” (Romanos 4:15). Se ninguém transgredisse as leis de Deus, não haveria ira justificável e nenhuma ne- cessidade de graça porque a graça tem a ver com perdão de pecados e justificação. Todos pecaram (Romanos 3:23); todos transgrediram as leis de Deus e precisam da justificação que vem mediante

³⁷David L. Roper, *The Life of Christ, 1: A Supplement*, Truth for Today Commentary. Searcy, Ark.: Resource Publications, 2003, p. 581.

a graça por Jesus viabilizada (Romanos 3:24).

Alguns concluem que, se a lei não traz justificação, os cristãos não estão debaixo de nenhum tipo de lei (Romanos 3:20; Gálatas 2:16, 21; 5:4). A lei suscita ira e maldição (Romanos 4:15; Gálatas 3:10). Desta perspectiva, a lei não justifica ninguém. Por outro lado, Jesus deu mandamentos que devem ser obedecidos³⁸. Estes mandamentos constituem a lei de Deus e de Cristo (1 Coríntios 7:19; 9:21; Gálatas 6:2), a lei perfeita, lei da liberdade (Tiago 1:25; 2:12). Onde há mandamentos, há lei; pois a lei é formada por mandamentos. Jesus deu Seus mandamentos para serem obedecidos por todos para que obtenham vida eterna (João 12:49, 50).

A ira de Deus é uma realidade. Ela será derramada sobre quem optar por não seguir Suas leis e as leis de Cristo. Entender Deus envolve conhecer o Seu amor e misericórdia bem como a Sua justiça.

APLICAÇÃO

Pecados Específicos a Serem Evitados (3:5–7)

Para quais pecados devemos permanecer “mortos” depois de nos tornarmos cristãos, segundo a lista de Paulo no versículo 5?

1. Prostituição ou imoralidade – todos os tipos de atos sexuais imorais.
2. Impureza – qualquer pensamento impuro guardado pelo cristão (Mateus 5:27, 28; Romanos 1:32).
3. Paixão lasciva – os cristãos precisam aprender a controlar as paixões da carne.
4. Desejo maligno – todos os desejos fortes por atividade imoral.
5. Avareza – uma atitude doentia para com os bens, a ponto até de adorar, um anseio desordenado ou um esforço exacerbado para obtê-los.

A ira divina virá sobre quem se entrega a práticas imorais (v. 6). Deus ama a justiça e odeia a injustiça (Hebreus 1:9a). Deus é contra quem rejeita arrogantemente a Sua vontade e se entrega a práticas malignas.

No passado, os colossenses se entregaram a esses pecados e estavam sob a ira de Deus (v. 7). Quando morreram para esses comportamentos, a

visão de Deus sobre eles mudou. Que certeza de perdão uma alteração na mente de Deus dá aos que estão envolvidos nessas práticas? Primeira Pedro 2:10 diz: “Vós, sim, que, antes... não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia”.

Tornando-se como Jesus (3:8–11)

Como podemos imitar Jesus quando sucumbimos à ira, à maledicência e à mentira? Os cristãos são instruídos a se despirem do seguinte:

1. Ira – uma explosão de cólera.
2. Indignação – intensa contrariedade.
3. Maldade – ter um espírito maldoso.
4. Maledicência – um esforço para difamar alguém ou algo.
5. Linguagem obscena – vocabulário áspero, cruel.
6. Mentira – perversão da verdade.

Evitar estas práticas pecaminosas não garante um caráter cristão; é preciso também revestir-se das qualidades de Cristo (v. 10). Somente quando os cristãos conhecem a Jesus eles podem se revestir das virtudes dEle. O alvo de Paulo era conhecer a Jesus para alcançar a suprema marca estabelecida por Ele (Filipenses 3:10–14). Nossos olhos devem estar fixos em Jesus (Hebreus 12:2).

Na literatura norte-americana, há um antigo e conhecido conto chamado “O Grande Cara de Pedra”, em que um menino, desde a infância, ouviu falar num homem grande que um dia chegaria ao seu povoado. O rosto desse homem era como o rochedo de uma montanha. O garoto desenvolveu uma admiração pelo personagem, enquanto ouvia falar dele com o passar dos anos, e aguardava ansioso pelo dia em que o encontraria pessoalmente. Sem perceber, enquanto crescia aficionado pelo personagem com cara de pedra, o menino foi ficando parecido com o grande homem que os aldeões descreveram. Um dia, enquanto o menino – já velho – olhava para a pedra da montanha, os aldeões se deram conta de que ele estava igual ao Grande Cara de Pedra³⁹. Ele se tornara igual ao homem porque admirava a descrição dele. Olhando para Jesus, admirando-O e nos concentrando nEle, podemos nos tornar como Ele (2 Coríntios 3:18).

³⁸Mateus 28:20; João 12:50a; 14:15, 21, 24; 15:10; 1 Coríntios 14:37; 1 João 2:3, 4; 3:22, 24; 5:2, 3.

³⁹Nathaniel Hawthorne, “The Great Stone Face” em *The Complete Short Stories of Nathaniel Hawthorne*. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1959, p. 451.

As Qualidades Espirituais dos Cristãos (3:12–14)

Revestir-se das qualidades da nova pessoa ajuda a eliminar os hábitos indesejáveis do passado. Encher um copo com água obriga o ar a sair dali; do mesmo modo, desenvolver características cristãs positivas ajuda a empurrar para fora de nossas vidas comportamentos negativos.

Paulo deu três razões para nos revestirmos da nova natureza: somos eleitos de Deus, santos e amados (v. 12a). Devemos refletir a confiança que Deus mostrou ao nos escolher como Seus. Temos que reconhecer que fomos separados do mundo mau e somos Seu povo amado. Um filho eleito para uma tarefa especial pode ter orgulho de sua missão porque sabe que recebeu uma responsabilidade que outros não são capazes de cumprir tão bem quanto ele. Do mesmo modo, os cristãos devem saber que Jesus os escolheu para serem Seu povo santo e amado.

Os cristãos devem desenvolver qualidades espirituais (vv. 12–14). Como é um indivíduo que desenvolveu essas virtudes? Como ele age? Ele é...

1. Misericordioso – preocupa-se com as necessidades dos outros.
2. Bondoso – tem interesse por buscar o bem dos outros.
3. Humilde – coloca-se no mesmo nível que os outros para não ficar distante deles.
4. Manso – é cuidadoso com os outros, evitando aspereza e indelicadeza ao lidar com as pessoas.
5. Longânimo – tem uma disposição para resistir sob estresse e pressão.
6. Uma pessoa que suporta os outros – ignora ofensas, tolerando obstáculos e recusando-se a retaliar quando ofendido.
7. Uma pessoa que perdoa – não guarda rancor contra o ofensor. A base para o perdão é o perdão recebido de Jesus.
8. Uma pessoa que ama – sua afeição resulta em buscar o bem dos outros. Todas as demais qualidades são ligadas e desenvolvidas nos corações dos cristãos que amam seu próximo. Esta é a virtude mais importante de todas.

Perdoar Significa Esquecer? (3:13a)

Experiências dolorosas do passado talvez nun-

ca sejam esquecidas, mesmo depois de um sincero perdão ser concedido. Paulo lembrou-se daqueles que o abandonaram quando ele foi julgado no tribunal de César, mas ele também havia perdoado esses irmãos. Ele rogou: “Que isto não lhes seja posto em conta!” (2 Timóteo 4:16b).

Será que o perdão é determinado por lembrarmos ou não da ofensa que experimentamos? Não, o perdão implica em como nos lembramos da ofensa. Se ela for lembrada sem ressentimento contra o ofensor, então ela foi perdoada. Todavia, se ela for lembrada e ainda houver ressentimento contra quem a cometeu, então ela não foi perdoada.

Quando o Ofensor Não Se Arrepende (3:13a)

Uma pessoa deve ser perdoada mesmo que ela não se arrependa?

Jesus ordenou a Seus seguidores que perdoassem os que dissessem que se arrependeram. “Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe” (Lucas 17:3b, 4). As Escrituras não explicam o que a pessoa pode ter contra a outra, mas Jesus afirmou que Seus seguidores devem perdoar se o outro se arrepender.

Tendo visto o que devemos fazer se o outro nos pedir perdão, vejamos agora o seguinte: “E se a pessoa não nos pediu perdão; temos que perdoá-la?” O perdão de Deus é condicional: depende de arrependimento (2 Pedro 3:9), por isso pode parecer que os cristãos não são obrigados a perdoar quem não se arrepende. Isto se aplica aos cristãos? Um cristão tem que perdoar uma pessoa que o ofendeu, mas que não lhe pediu perdão, ainda que essa pessoa dê sinais de arrependimento pelo que fez? E se a pessoa pedir perdão hipocritamente, não estando, na verdade, arrependida? É errado perdoar essa pessoa?

A resposta a estas perguntas parece estar em Marcos 11:25. Ali Jesus ensinou: “E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas”. Certamente este é um exemplo de perdão concedido a alguém que não pediu para ser perdoado. Jesus orou pelo perdão das pessoas que O pregaram na cruz (Lucas 23:34). Estêvão mostrou o mesmo espírito de perdão quando estava sendo apedrejado até a morte (Atos 7:60).